

Translinguando espaço? Discursos metalinguísticos de jovens moçambicanos sobre 'linguaging'

Translanguaging space? Mozambican Youth's metalinguistic discourse on linguaging

Torun Reite*

RESUMO: O presente estudo explora as práticas de *linguaging* entre jovens moçambicanos plurilíngues com base em discursos de metalinguagem e à luz das mudanças na ecologia linguística trazidas pela expansão da língua portuguesa e outros processos sociais em Moçambique no período pós-independência. Defende, para além disso, a hipótese de que as práticas de *linguaging* entre jovens plurilíngues se têm transformado e que essas práticas podem ser vistas na perspectiva de *translanguaging* e como *translanguaging space* (GARCÍA; WEI, 2014; WEI, 2011). A abordagem é multimetodológica e baseia-se em entrevistas autobiográficas, observação e discursos metalinguísticos; e inclui materiais áudio e vídeo. Os nove participantes provêm de duas províncias diferentes de Moçambique: Nampula e Maputo. Os resultados confirmam a emergência de novas práticas de *linguaging* que os jovens preferem e usam na comunicação entre pares. A criatividade e o espírito crítico salientados por Wei como elementos chave das práticas de *translanguaging space* (WEI, 2011) verificam-se e são vistos como construção de espaço (LEFEBVRE, 1991); ou reivindicação do(s) espaço(s) e, entre outros, do posicionamento histórico e cultural hegemônico da ideologia monoglósica do Português nos espaços institucionais.

PALAVRAS-CHAVE: Multilinguismo. *Linguaging* de jovens. Translinguando espaço. Descolonização. Moçambique.

ABSTRACT: This study explores linguaging practices among plurilingual Mozambican youth based on metalinguistic discourse and considering changes in the linguistic ecology fueled by the expansion of Portuguese and other social processes in Mozambique during post-independence. Additionally, this paper discusses the hypothesis of transforming linguaging practices among plurilingual youth, which through a translanguaging lens can be seen as translanguaging space (GARCÍA; WEI, 2014; WEI, 2011). The approach is multimethodological and consists of autobiographic interviews, observations and metalinguistic discourse including audio and video material. The nine participants come from two different provinces in Mozambique: Nampula and Maputo. The results confirm the emergence of new linguaging practices which the youth prefer and use in communication with peers. The creativity and criticality highlighted by Wei as key elements of translanguaging space (WEI, 2011) are observed and regarded as space construction (LEFEBVRE, 1991), or revindication of space(s) and, among other things, the historical and cultural hegemonic positioning of the monoglossic ideology of Portuguese in institutional spaces.

KEYWORDS: Multilingualism. Youth linguaging. Translanguaging space. Decolonization. Mozambique.

* Doutoranda em Português, especialização em Sociolinguística no Departamento de Estudos Românicos e Clássicos da Universidade de Estocolmo, Suécia. Mestre de Filosofia da Universidade de Oslo, Noruega e Mestre em Ciência de Economia e Gestão da Escola Nacional de Economia de Bergen, Noruega.

1. Introdução

Durante o período colonial, o uso de Português em Moçambique limitou-se aos espaços institucionais como a administração pública, os tribunais e o sistema educacional. Na década de 70, logo depois da independência de Moçambique, um dos principais objetivos políticos do governo passou a ser a introdução do “Novo Sistema de Ensino”, em que a língua portuguesa foi promovida como a única língua de ensino. Essa política de língua fez parte da ideologia levada a cabo em várias ex-colónias de Portugal, influenciada pela doutrina ideológica “uma nação, uma língua” que se tornou hegemónica nessa altura, e cuja lógica consistia em fazer face às ameaças potenciais da fragmentação étnica e linguística de Moçambique. Essa ideologia monoglóssica mantém-se no discurso político hoje em dia e o Português continua sendo a única língua oficial de Moçambique e a única língua de ensino no sistema escolar. É de mencionar que, a partir de 2003, introduziu-se um programa de ensino bilíngue no primeiro ciclo escolar que, até o presente, está em vigor em apenas 1,5% das escolas primárias e cujos resultados pedagógicos são positivos (NGUNGA et al., 2010). Nas restantes escolas (98,5%), o ensino continua sendo monolíngue (em Português), o que significa que na prática a única língua de instrução formal no sistema escolar é o Português (CHIMBUTANE, 2013; CHIMBUTANE, 2011).

A expansão do acesso à educação em Moçambique no período pós-independência tem impulsionado a propagação da língua portuguesa, e este fato tem como resultado uma maior abrangência do repertório linguístico usado, em particular entre jovens na idade escolar (INE, 2000, 2009). Moçambique é rico em recursos naturais e é um dos países de África subsaariana que nos últimos anos tem sido alvo de grandes interesses económicos e altos níveis de investimento estrangeiro direto. Esses investimentos, a renúncia das ideologias socialistas e a adesão nas instituições de Bretton Woods, entre outros fatores, têm acelerado os fluxos de pessoas, de capital e de informação e têm contribuído à maior integração global da economia moçambicana. Até recentemente Moçambique tinha um crescimento económico alto e estável (7,5% do Produto Interno Bruto durante as duas últimas décadas) (CASTEL-BRANCO, 2014). Esses fatores criam uma oportunidade única para explorar a relação entre as mudanças ao nível social e na ecologia linguística e as práticas de comunicação de jovens plurilíngues – o principal objetivo deste estudo. A hipótese do estudo é que essa expansão rápida da língua portuguesa e outros processos sociais transformativos em Moçambique no período pós-independência criam ‘zonas de contacto’ (CANAGARAJAH, 2013; PRATT, 1991), onde as práticas de *linguaging*

entre jovens plurilíngues se têm transformado; e que essas práticas podem ser vistas como *translanguaging* e *translanguaging space*.

Selecionaram-se participantes das províncias de Nampula e de Maputo para proporcionar uma análise das novas práticas de *linguaging* em zonas onde os repertórios linguísticos são constituídos por códigos/línguas (Português/Emakhuva e Português/Xichangana) diferentes, com graus de propagação e uso da língua portuguesa diferentes e cujas populações têm níveis educacionais baixo e alto no contexto moçambicano. Além disso, os participantes são provenientes de zonas urbanas e rurais. Recorrendo aos dados oficiais (INE, 2000, 2009) nota-se uma grande disparidade entre Nampula e Maputo quanto ao uso (8,7% têm o Português como língua materna na província de Nampula comparado com 34,2% na província de Maputo), ao conhecimento da língua portuguesa (49,8% em Nampula e 91,5% em Maputo declaram conhecimento de Português), ao nível educacional (17,9% em Nampula concluíram pelo menos o ensino primário comparado com 60% em Maputo) e à taxa de analfabetismo (62% em Nampula e 22% em Maputo).

O objetivo principal deste estudo é o de explorar, com base em discursos metalinguísticos, quais são as práticas de *linguaging* entre jovens. Além disso, o estudo explora a perspectiva de *translanguaging* (GARCÍA; WEI, 2014; WEI, 2011) e investiga a criatividade e o espírito crítico nos discursos metalinguísticos, ambos elementos chave das práticas de *translanguaging space*. O estudo é motivado pela importância que se dá a apresentar dados empíricos sobre as práticas de *linguaging* de jovens moçambicanos plurilíngues e de portar a voz desses jovens sobre as suas experiências vividas no sistema educativo e noutros espaços. Além disso, constata-se uma diferença entre os dados oficiais sobre o uso das línguas, que enfatizam o uso monolíngue, e a realidade multilíngue (práticas plurilíngues). Optou-se pelo grupo alvo: jovens futuros professores. Espera-se que o estudo proporcione um debate sobre as políticas e as práticas didáticas e de comunicação entre o professor e o aluno, e entre outros prestadores de serviços públicos e os cidadãos nos espaços institucionais (no sistema de saúde, nos tribunais, entre outros). Espera-se que um debate com base em dados empíricos e que reflita melhor a realidade tenha um impacto transformativo em direção à maior inclusão social. Ao nível teórico o estudo visa descrever e elucidar os conceitos de *translanguaging space* com base em dados empíricos do Sul e de um contexto de descolonização. O estudo é pioneiro em contribuir com dados sobre *linguaging* entre jovens de uma ex-colônia de Portugal e visa responder às seguintes perguntas específicas:

- As práticas de *linguaging* entre jovens contemporâneos são consideradas novas e distintas (das práticas das outras faixas etárias)?
- Quais são as temáticas e os aspetos chave que surgem nos discursos metalinguísticos?
- Quais são as motivações e os fatores impulsionadores dessas novas práticas de *linguaging*?
- Os jovens estão *translanguaging space*?

O texto é estruturado de forma seguinte: ‘Posicionamento teórico’ apresenta o enquadramento teórico; ‘Pesquisa realizada’ faz referência aos estudos levados a cabo sobre as práticas de *linguaging* de jovens em Moçambique e aos estudos sobre *linguaging*, *translanguaging* e *translanguaging space* de jovens, com destaque para pesquisa em contextos de descolonização em África; em ‘Material e método’, apresenta-se o material, os métodos e as abordagens escolhidas na recolha do material; na secção ‘Resultados’, os nove jovens que participaram são apresentados e, em sequência, dá-se conta das temáticas que surgiram nos discursos de metalinguagem. Os resultados são apresentados por grupos: em primeiro lugar, vêm os cinco jovens de Nampula e, a seguir, os quatro jovens de Maputo; no fim, em ‘Discussão e considerações finais’, os resultados são discutidos à luz da hipótese, das perguntas específicas de pesquisa e da pesquisa anterior.

2. Posicionamento teórico

O estudo situa-se no âmbito da sociolinguística interacional e compartilha os objetos de estudo, *as práticas linguísticas*, com a linguística antropológica. A abordagem é inspirada pela ‘etnografia da comunicação’ definida por Hymes em colaboração com Gumperz (HYMES e GUMPERZ, 1972). O objetivo é analisar as práticas de *linguaging* (no sentido de estratégias de comunicação) entre jovens, e o uso de toda gama dos recursos socioculturais para construir sentido (*to construct meaning making*). Neste aspeto o estudo é inspirado por pesquisas anteriores que adotaram o conceito *linguaging*. (CANAGARAJAH, 2013; MÖLLER; JÖRGENSEN, 2009; MAKONI; PENNYCOOK, 2006) e os conceitos *translanguaging* e *translanguaging space* (GARCÍA; WEI, 2014; WEI, 2011). Opta-se por usar *linguaging*, *translanguaging* e *translanguaging space* sem tradução. Os dois últimos referem-se às definições sugeridas por Wei (2011) e, posteriormente, aprofundadas por Garcia e Wei (2014):

Translanguaging difere da noção de *code-switching* na medida em que não se refere simplesmente a uma mudança ou uma alternância entre duas línguas, mas à construção e ao uso original e complexo por parte dos falantes de práticas discursivas interligadas que não podem ser facilmente atribuídas a uma ou outra definição tradicional de língua, mas que constituem o repertório linguístico completo dos falantes." (García & Wei 2014 tradução da autora)¹

Translanguaging space é um espaço para o acto de 'translanguaging' e o espaço criado pelo *translanguaging*. (Li Wei 2011, tradução da autora)²

Na medida em que se usa a noção de repertório linguístico, o termo refere-se à definição sugerida por Busch (BUSCH, 2015) de repertório linguístico como experiência vivida (*linguistic repertoire as lived experience*).

3. Pesquisa realizada

Os conceitos *translanguaging* e *translanguaging space* são recentes e não se tem verificado outros estudos sobre as práticas de *linguaging* entre jovens em África que aplicaram os conceitos de *translanguaging* e *translanguaging space*, o que pode significar que não existem ou que são pouco acessíveis.

Na revisão da literatura não foram encontrados estudos anteriores sobre as práticas de *linguaging* de jovens moçambicanos e nenhum estudo que abrange falantes das províncias de Nampula e de Maputo.

Contudo, existe um estudo realizado por Chimbutane (2015) que trata das práticas de ensino bilíngue e discute a adequação das políticas e das práticas pedagógicas alimentadas por ideologias monoglóssicas. Esse último baseia-se em resultados de estudos anteriores de Chimbutane (2005, 2011, 2013), e de Chimbutane e Stroud (2012) todos com o foco principal sobre o ensino bilíngue.

Chimbutane (2013) discute o uso de *code-switching* como estratégia pedagógica. No chamado projeto piloto sobre ensino bilíngue aplica-se uma estratégia de separação das línguas inspirada por ideologias monoglóssicas. Chimbutane (2013) destaca os constrangimentos que essas ideologias monoglóssicas representam num contexto onde todos (ou quase todos) os

¹ No original: *Translanguaging differs from the notion of code-switching in that it refers not simply to a shift or a shuttle between two languages, but to the speakers' construction and use of original and complex interrelated discursive practices that cannot be easily assigned to one or another traditional definition of language, but that make up the speakers' complete language repertoire*"

² *Translanguaging space is a space for the act of translanguaging as well as a space created through translanguaging.*

estudantes são falantes L2 de Português que é a língua de instrução, o que é o caso em Moçambique.

A maior parte dos estudos recentes sobre práticas de *linguaging* dos jovens são realizados no meio urbano da Europa e apontam para a nova paisagem sociolinguística trazida pela globalização e a tecnologia informática e de comunicação, que introduzem uma compressão do tempo/espaço (HARVEY, 1989), maior mobilidade e (super)-diversidade, com grande impacto para as práticas de comunicação e de *linguaging* (MÖLLER et al. 2014; JÖRGENSEN et al. 2011; WEI, 2011). É de salientar que esses estudos muitas vezes tomam por objeto jovens que representam a primeira geração nascida num país depois da imigração dos pais, como é o caso do estudo de Møller et al. (2014) e o de Jörgensen et al. (2011).

Outros estudos de referência são os que discutem a necessidade de repensar a teoria sociolinguística e a epistemologia para fazer face à nova paisagem sociolinguística trazida pelos fluxos de pessoas, de capital, de informação, que aumentaram a circulação, quer material quer virtual, e a velocidade no âmbito da globalização (GARCÍA; WEI, 2014; WEI, 2011; CANAGARAJAH, 2013; BLACKLEDGE; CREESE, 2010; BLOMMAERT, 2010; PENNYCOOK, 2010).

Alguns estudos, embora sejam em número reduzido, debruçam-se sobre as práticas heteroglóssicas de jovens num contexto africano (MENSAH, 2016; STEIN-KANJORA, 2016) ou sobre as práticas heteroglóssicas gerais num contexto africano (DEUMERT, 2013; LÜPKE; STORCH, 2013). Mensah (2016) oferece uma panorâmica de linguagens de jovens identificadas em África e que surgiram em circunstâncias diferentes, tais como Totsitaal no Cabo na África do Sul, Camfranglais na República dos Camarões e Yabâcrane em Goma, uma vila na fronteira política entre a República Democrática do Congo e o Ruanda, entre outros. Mensah aponta para a fluidez das práticas linguísticas em África e reflete sobre os fatores que impulsionam as práticas linguísticas dos jovens, sublinhando que essas práticas surgem tanto em zonas urbanas (por exemplo Totsitaal), como em zonas rurais (por exemplo Yabâcrane) o que são aspetos relevantes para esse estudo que também inclui jovens provenientes de zonas urbanas e rurais. Stein-Kanjora (2016) explora os aspetos que influenciam o uso, a transformação e a negociação do status social do Camfranglais, nos Camarões. O Camfranglais tem características parecidas às práticas de *linguaging* verificadas neste estudo e que serão discutidas adiante. Deumert (2013) descreve as práticas semióticas de migrantes, falantes de Xhosa, no Cabo, África do Sul e como eles usam os seus recursos de Inglês e Totsitaal para

navegarem os espaços complexos, instáveis e muitas vezes altamente estilizados. Deumert se refere à mobilidade interna, focando a migração rural-urbana, o que torna o seu estudo relevante para a análise aqui apresentada. Lüpke e Storch (2013) descrevem falantes plurilíngues e os seus repertórios linguísticos, focando as práticas sociais do dia a dia. Destacam a complexidade e a variedade das práticas e sublinham a necessidade de rever as abordagens metodológicas para captar essa complexidade no contexto multilíngue africano. Essa complexidade e diversidade também se verificam no contexto moçambicano.

4. Material e método

Os nove participantes, entre os 19 e os 26 de idade, provêm de duas zonas diferentes de Moçambique: a zona Norte, onde a propagação e o uso da língua portuguesa são limitados; e a zona Sul, onde a sua propagação e o seu uso são maiores. Selecionaram-se esses dois grupos para poder explorar dois extremos opostos em relação a vários fatores linguísticos e sociais que podem influenciar a mobilidade, a diversidade e outros aspetos relevantes para a análise das práticas de *linguaging* entre jovens e optou-se pelo grupo alvo os futuros professores.

Os grupos constituíram-se com base em redes de amigos que convivem no seu dia a dia. Todos os participantes são estudantes no Instituto de Formação dos Professores localizado em Matola, um município fronteiriço da cidade de Maputo, na província homónima, onde estão no seu segundo ano.

A abordagem é multimetodológica, e baseia-se em entrevistas autobiográficas, notas de observação e discursos de metalinguagem realizados em grupos de foco. O grupo foi composto por cinco amigos da província de Nampula (e um de Zambézia) e quatro amigos da província de Maputo. Os tópicos incluíram: i) as práticas de *linguaging* em relação ao espaço social e ao tópico; ii) as diferenças (os aspectos distintos) entre as práticas na comunicação entre pares e com outras faixas etárias; iii) as emoções que essas práticas evocam, as motivações do uso e os fatores impulsionadores dessas práticas de *linguaging*; e iv) em que situações os participantes nunca ou raramente usam práticas plurilíngues. O material recolhido integra-se num projeto que inclui vários estudos. No total, o material inclui 7 horas de material áudio, inquéritos (228) e diários linguísticos (60) (REITE; ÁLVAREZ, 2015) e 4,5 horas de material vídeo e notas de observação (REITE, 2015). Os resultados são parcialmente reportados nesse estudo.

Optou-se por usar os discursos de metalinguagem como a fonte principal. No texto, esses discursos são amplamente reportados. Acredita-se que essa abordagem seja vantajosa dos

pontos de vista empírico, por portar a voz de pessoas pouco ouvidas ou incluídas nos espaços acadêmicos; e analítico, pela validade das suas perspectivas.

5. Resultados

Em primeiro lugar, faz-se uma introdução aos cinco adolescentes da zona Norte de Moçambique que participaram no presente estudo; Mussa, Titino, Jaca, Elias e Domingos. Todos os nomes usados nesse texto são fictícios. Os cinco encontraram-se logo a partir do ingresso no Instituto de Formação dos Professores em Matola e fizeram amizades (entre eles). Estão no seu segundo e último ano de formação.

5.1. Jovens de Nampula

Mussa tem 23 anos e nasceu em Cabo Delgado, na cidade de Pemba, onde passou os primeiros anos da infância e começou a escola. Em casa falavam principalmente o Emakhuva e as vezes o Kimwani, o Makonde e o Português. Na comunidade falavam também o Suaíli. Na mesquita falavam o Árabe. Mussa já sabia falar Português quando entrou na escola e realça isso como uma grande vantagem para ele. Aos sete anos foi viver para perto da cidade de Nampula. Em Nampula, as línguas de comunicação em casa eram o Emakhuva e o Português e na comunidade o Emakhuva era a língua usada com maior frequência. Relata: *Tive grande sucesso na 4ª classe e era um dos melhores alunos da escola.* Os parentes obrigaram-no a falar Português em casa e ele descreve:

O uso de Português em casa, o uso de Português foi lá tão favorável, sempre têm falado comigo Português. Por quê? A minha família tinha medo que eu falasse a língua Emakhuva e que eu fizesse transferência dalguns sons e grafemas na língua portuguesa, por que na língua Emakhuva existem alguns sons que lá não têm. Eles tinham medo que se falassem mais o Emakhuva comigo eu falasse mal o Português.

Depois da escola secundária entrou no Instituto de Formação dos Professores em Matola, onde está a viver no internato.

Titino tem 26 anos e nasceu numa zona rural a cerca de 140 quilômetros da cidade de Nampula, na província homónima, na zona Norte de Moçambique. Cresceu com os seus pais e entrou na escola aos nove anos; fez 1ª a 5ª classe numa escola perto da comunidade. Os pais

não percebiam o Português e em casa falavam o Emakhuva, que também é a única língua que se usava na comunidade.

TR: Como é que foi entrar na escola e ter o ensino em Português?

Titino: Claro que eu nos primeiros momentos eu sempre enfrentei problemas, dificuldades por que nessa altura nessa escola onde eu estudava não se aceitava falar Emakhuva. Todos os alunos tinham que só falar o Português e eu não sabia falar Português. Então eu tinha que ficar isolado e aquelas pequenas palavras, só falava aqueles, e depois calava, por que a conversa não continuava porque tinha dificuldades. Só comecei a falar um pouco de Português a partir da 3^a ou 4^a classe, mas quando comecei a frequentar a escola na 1^a e 2^a classe não conseguia falar Português.

A partir da 6^a classe foi viver num internato da escola até terminar à 12^a classe. Nesse período vivia sem os seus pais e sem familiares e só ia visitar a família durante as férias. Depois da escola secundária, Titino ficou em casa até conseguir candidatar-se no concurso nacional para entrar na formação governamental dos professores e atualmente está, junto com o colega Mussa, no Instituto de Formação dos Professores em Matola, e mora no internato.

Jaca tem 25 anos e nasceu num bairro fronteiriço da cidade de Nampula, onde vivia com os pais. A família tem uma casa de blocos com quintal. A língua de comunicação mais predominante em casa é o Emakhuva, mas na comunidade falam-se mais línguas e Jaca aprendeu a falar o Makonde, o Elomué e um pouco de Suaíli. Para Jaca, o Português é sobretudo a língua da escola.

Eu falo como se diz (Emakhuva) de raiz né por que eu nasci cresci lá a sair só no ano passado de lá para cá. Estive todo esse tempo a comunicar só essa língua a não ser que estou a mudar para outra língua africana que é o Makonde assim. Só a língua portuguesa conseguimos comunicar na escola, por que na escola? Por que há uma exigência: “Eh pá pelo menos devem vos comunicar na língua portuguesa só se estiverem fora do recinto da escola ai podem usar as vossas línguas”.

Jaca viveu em casa dos pais até entrar na formação de professores em 2014 e a viagem para Maputo foi a sua primeira deslocação fora do seu meio habitual.

Elias tem 21 anos e é natural de Gurué. Nos primeiros anos da infância vivia numa pequena localidade com a mãe, com quem falava Elomué, mas a mãe faleceu e ele e os irmãos passaram a viver com os seus tios em Gurué. Em casa dos tios falava-se principalmente o Português. Entrou na escola com seis anos e como disse: *foi na escola que realmente aprendi*

a falar o Português. Na comunidade de Gurué falava-se Elomué, Português e as vezes misturas de várias línguas na mesma conversa. Sobretudo os jovens da comunidade usam a língua portuguesa e a língua local numa mistura. Além disso, Elias fala também Emakhuva.

Domingos nasceu em Gurué e vivia com os seus pais numa casa precária e teve que se deslocar para um bairro mais afastado da vila por causa das condições de vida. A língua de comunicação em casa é o Elomué, que também domina na comunidade. *Poucas vezes usamos o Português por que a comunidade em si já fala a língua local e então o Português vem duma forma muito bem estranha e de repente na nossa sociedade.* Domingos entrou na escola com seis anos, onde aprendeu o Português. Quando fala o Português fala muitas vezes numa mistura com a língua materna, Elomué. Além disso, fala o Emakhuva, que é a língua regionalmente dominante na zona Norte de Moçambique e entende Chuabo, que também consegue falar. As línguas Elomué, Chuabo e Emakhuva são inter-inteligíveis.

As temáticas que se destacaram durante as conversas e nas discussões entre esses cinco amigos são apresentadas nos trechos #1# a #5# a seguir.

Trecho #1# As nossas línguas têm graça (piada)

Domingos: então a conversa vai fluindo entre nós e as conversas que nós tratamos. Há coisas que nós tratamos que falando em Português não tem graça mas em nossas línguas tem graça e

Mussa: é inovação nossa

Domingos: é calão

Mussa: é calão sim... calão em diversas línguas

Trecho #2#: Sentir-se à vontade a falar

Mussa: A pessoa sente se mais a vontade a falar. Nós estamos no século 21 num século que as coisas só aparecem duma forma inovativa. As pessoas são jovens têm as suas escolhas e as misturas das línguas elas fazem-se presentes em todas as circunstâncias quotidianas aqueles que nós sempre temos, dificilmente nós abordamos uma conversa sem nos colocarmos misturas e isso faz se sentir

Trecho #3# As palavras quase soltam

Mussa: Quando nós estamos entre jovens sentimo-nos mais à vontade de nos expressar, ali as palavras quase soltam assim duma forma eh emocionada duma forma súbita. Nós só falamos e sentimo-nos à vontade, muito felizes

Agora quando nós estamos com os nossos pais, nos devemos tratar com mais respeito neste caso.

Titino: há mais formalidades

Mussa: hmm neste caso sim, formas de tratamento

Trecho #4# a criatividade surge entre jovens

Jaca: então quando encontra se uma ocasião em que há jovens assim (mostrando o

lugar com gestos de inclusão do grupo) é por isso que quando jovens conversam sempre estão a sorrir e se forem a perguntar por que vocês estão a sorrir provavelmente se se fores a contar (no sentido de traduzir ao Português) não tem graça, vai pensar que você não está bem na cabeça, mas por isso são as misturas e a maneira de juntar que tem graça e nós usamos misturas mais nas conversas juvenis.

Elias: para aumentar aquilo que está a dizer né as misturas predominam muito mais na idade jovem por que é aqui nessa idade há maior criatividade os jovens são as pessoas que têm habilidades de falar e pronunciar as palavras e é a camada também mais sensível ...

Nota-se nos trechos #1#, #2#, #3# e #4# a importância dada pelos participantes ao senso de humor, à criatividade e à inovação nas práticas de *linguaging* entre pares. Os jovens realçam que os pais não conseguiriam perceber essas inovações ou esse modo de falar. Descrevem a maneira de falar como o ‘calão’ em diversas línguas: *é calão sim, calão em diversas línguas* e descrevem uma fluidez na maneira de conversar: *a conversa vai fluindo* (Trecho #1#).

Sublinham o sentido de pertença com os outros membros do grupo, neste caso os jovens macuenses: *falando em Português não tem graça mas em nossas línguas tem graça é inovação nossa* (Trecho #1#).

Mussa aponta para o fato de *estarmos no século XXI* e os jovens terem maior livre arbítrio: *as pessoas são jovens, têm as suas escolhas* (Trecho #3#) e apresenta esse direito a escolher como algo novo e ligado à contemporaneidade. O uso de ‘calão’ em diversas línguas demonstra esse maior livre arbítrio.

Descrevem a criatividade e a inovação não das estruturas das línguas, mas da própria maneira de juntar as palavras ao nível discursivo. Porém, existe uma estratégia discursiva distinta que usam nos espaços co-construídos entre jovens.

Exprimem que existe uma dinâmica entre a criatividade e a contestação e que o processo de transcender desencadeia a felicidade. Nos espaços conjuntamente construídos em que não precisam exercer o mesmo controlo em relação ao uso dos seus repertórios linguísticos, *as palavras quase soltam assim numa forma e emocionada numa forma súbita e falamos e sentimo-nos à vontade, muito felizes*. (Trecho #3#). Essas emoções relacionam-se ao processo de se libertarem dos códigos sociais e constrangimentos nos espaços onde as práticas e as ideologias linguísticas monoglóssicas predominam, nesse exemplo, na comunicação com os pais (ou parentes) (é de notar que somente dois dos cinco têm pais/parentes que falam Português). Esse grupo de jovens vem de uma comunidade onde o uso de Emakhuva predomina

nos espaços não institucionais. Nos discursos metalinguísticos o processo de se controlar ou de se libertar surge como temática saliente. No Trecho #5# a necessidade de controlo é descrita em relação ao sistema educativo onde o Português tem a hegemonia.

Trecho #5# a necessidade de controlo

Domingos: Isso controla-se, isso controla-se, por exemplo, aqui vem, em que situações usa-se mais as misturas? Sinceramente falando isso na sala das aulas eu não vou falar quer dizer eu não vou usar misturas das línguas enquanto a língua que domina na sala de aulas é Português sinceramente.

Mussa: Não estou a falar do contexto de sala de aulas, mas estou a falar do contexto geral assim entre nós.

Jaca: é assim como dizem que as misturas dependem de com quem estamos a dialogar consoante também da idade se formos com uma pessoa mais crescida nós não vamos utilizar misturas por que seríamos considerados indisciplinados.

Contudo, é de notar que esses jovens sentem que precisam exercer controlo do uso dos seus repertórios linguísticos quando estão na sala de aulas, onde sentem que estão restritos a falar a língua portuguesa. O discurso metalinguístico aponta ao controlo social que exercem nos espaços monolíngues ou de ideologias linguísticas monoglóssicas.

5.2 Jovens de Maputo

A seguir faz-se uma introdução aos quatro adolescentes da zona Sul de Moçambique, da província de Maputo, que participaram nesse estudo: duas mulheres, Unaité e Dulce, e dois homens, Nuno e Vanito. Os quatro encontraram-se no Instituto de Formação dos Professores em Matola, onde fizeram amizades (uns com os outros). Todos estão no seu segundo e último ano de formação.

Unaité tem 20 anos e nasceu em Magude, numa zona rural da província de Maputo a cerca de 100 quilómetros da capital, Maputo. Vivia numa casa de caniço com a mãe e o pai até ele falecer. Em casa falam Xichangana e as vezes um pouco de Português. Diz: *misturas entre essas duas línguas são muito frequentes em casa*. Na comunidade fala-se principalmente Xichangana. Entrou numa escolinha aos cinco anos e o ano seguinte entrou na escola. Relata:

Quando entrei na escola já entendia um pouco de Português e consegui aprender. O ensino era só em Português. Na escola entre amigos usavam-se muitas misturas entre o Xichangana e o Português, mas era proibido falar Xichangana.

Dulce tem 21 anos e nasceu no primeiro bairro de urbanização perto do aeroporto de Maputo. Relata:

Vivia com os meus pais e os meus irmãos até o meu pai faleceu quando tinha seis anos. Os meus pais tinham línguas africanas diferentes, o meu pai era natural de Quelimane e a língua materna dele era Chuabo e a minha mãe era maronga, natural de Maputo. Quando o meu pai vivia fomos obrigados a falar o Português em casa, mas depois falávamos Xironga com a minha mãe. Convivo com as minhas tias e os meus avós maternos e falamos Xironga. Poucas vezes falamos Changana em casa. Vivíamos numa casa de caniço, mas mais tarde mudamos para uma casa de blocos. Na comunidade fala-se mais o Changana.

Nuno tem 23 anos, nasceu no barro de Laulane em Maputo e mais tarde foi viver num outro bairro de Maputo. Entrou na escola com oito anos e fez a 1ª classe. Nesse período a avó adoeceu e a família teve que se deslocar. Em consequência, Nuno ficou em casa sem estudar durante dois anos. A partir de 2006 conseguiu continuar os estudos até terminar a 12ª classe em 2014. Atualmente a família reside em Boane, onde Nuno vive com a mãe e os irmãos. Em casa misturavam o Xichangana com o Português ou falavam uma das duas línguas, mas o uso de Português dominava.

Vanito tem 19 anos e nasceu na vila de Namaacha, onde vivia com os seus pais. Em casa falava Xichopi. Na comunidade Xichangana é a língua mais usada. Relata:

O Português era muito pouco falado. Em casa também. Em casa éramos incentivados a falar a língua materna e quase não se falava o Português. Nós falávamos mais o Português quando estávamos em casa dos amigos. Quando falava com amigos usava mais uma mistura do Português, Changana e Suazi por que o Xichopi é uma língua de outra zona e só em casa é que falávamos. O Português começamos a aprender na escola mas já entendia um pouco de Português antes de entrar na escola.

As temáticas que se salientaram durante as conversas e nas discussões entre esses quatro amigos são apresentadas nos trechos #6# a #9# a seguir.

Trecho #6# Sempre falamos mistura e a conversa fica mais animada

Dulce: Entre-nos sempre falamos misturas. Dificilmente vamos começar com Português

Unaite: e terminar só com Português

Dulce: sempre falamos mistura

Vanito: Sim

Nuno: e por incrível que parece a conversa fica mais animada quando fazemos essas misturas

Vanito: essas misturas sim sim

Trecho #7# sentimo-nos mais à vontade

Vanito: A nossa língua entre nós deste grupo, quando nós expressamo-nos em Xichangana sentimo-nos mais à vontade sim e ficamos mais motivadas na conversa. Quando há uma mistura entre Português e changana a conversa fica mais motivada.

Os quatro jovens de Maputo destacaram que o uso de ‘mistura’ (das línguas) lhes dá maior vontade de falar e que ficam animados e motivados. As emoções positivas de animação e motivação são similares à felicidade que se desencadeava no processo de se libertar descrito pelos jovens de Nampula. A criatividade surge como uma temática importante na comunicação entre jovens, quer de Nampula quer de Maputo. Contudo, é interessante notar que o grupo de jovens maputenses parece mais habituado a usar ‘mistura’ quando comparado com o grupo de jovens de Nampula. Nas entrevistas, o uso de ‘mistura’ na comunidade é realçado. Por outro lado, a percepção de transgressão sobressai no discurso metalinguístico dos jovens de Nampula. Ao comparar o *linguaging* desses dois grupos, não há menor grau de inovação e/ou transgressão dos maputenses em comparação com os macuenses. Isso indica que quanto maior a frequência no uso de ‘mistura’ ou ‘calão’, menor a percepção de transgressão. (Trechos #6# e #7#)

Trecho #8# os nosso próprios pais são inibidores

Vanito: O que acontece é que os nosso próprios pais são inibidores da do uso das línguas Bantu que é uma coisa muito importante. Por que o que é que acontece é muito frequente nas nossas sociedades nas nossas comunidades ouvir a dizer: não fala Changana! Não fala Xichopi!

Nuno: ou não brinca com aquele por que aquele não fala Português

Vanito: é essa inibição da pessoa falar na sua própria língua materna

Diferentemente da situação em Nampula, onde o Emakhuva é a língua usada com maior frequência em casa e a propagação do Português continua sendo limitada, o Português na província de Maputo já entrou em mais espaços e usa-se com maior frequência no espaço doméstico (INE, 2000, 2009). Avaliando a composição demográfica, esse aumento só se pode explicar através de uma mudança na escolha de língua de casa pelos pais dessa geração jovem de Maputo. Essa mudança na escolha da língua de casa tem sido impulsionada pelas ideologias defendidas desde o projeto político “O Homem Novo”, disseminado em 1975 por Samora Machel, o primeiro presidente de Moçambique, no seu discurso político, em que se transmitia que quem não adotasse a língua portuguesa era considerado tribalista. Ainda hoje essa ideologia

continua sendo acentuada no discurso político sobre a unidade nacional do atual presidente e do governo. Existem também outros motivos para essa mudança. Muitos pais impuseram o uso da língua portuguesa em casa para facilitar a entrada à escola dos filhos e prepará-los para o ensino monolíngue em Português. Noutros casos as famílias eram linguisticamente “mistas”, com línguas africanas diferentes ou uma combinação duma língua africana com o Português. Os trechos “7# e #8# refletem essas ideologias e as atitudes exemplificadas no #8#: *os nossos próprios pais são inibidores da do uso das línguas Bantu que é uma coisa muito importante e essa inibição da pessoa falar na sua própria língua materna.*

Na sua apresentação, Dulce relata que vem duma família “mista”, cujos pais tinham línguas Bantu diferentes e não inter-inteligíveis e relata: *Quando o meu pai vivia fomos obrigados a falar o Português em casa, mas depois (de ele falecer) falávamos xironga com a minha mãe.*

O trecho #8# ilumina a relação entre o nível macro e o nível micro, a relação entre políticas, ideologias e práticas. Existe uma nítida relação entre o discurso político do governo sobre a importância fulcral do Português para o desenvolvimento do País e a importância que os pais deram ao uso de Português em casa. A perspectiva dos jovens revela o impacto dessas práticas e ideologias. Os jovens maputenses ao falarem ‘mistura’ estão a contestar essa inibição imposta pelos pais. Numa perspectiva de *translanguaging* estão *translanguaging space*.

Trecho #9# acho que é uma espécie de reivindicação

Nuno: ...eu acho que é um sentimento que nós temos que quando **nós nós** encontramos ..considerando que **nós nós** somos amigos mas mais no setor acadêmico sentimos que em algum momento esquecemos aquelas línguas que **são as nossas...** que não se dão valor a essas línguas que **são nossas** quando estamos naquele âmbito acadêmico então quando **nós** encontramos o que acontece é que sempre tentamos resgatar aquelas línguas, conversamos mais naquelas línguas que são as línguas Bantu em vez de em Português.

Nuno: ..quando estamos aqui com amigos do setor acadêmico reivindicamos eu acho que é uma espécie de reivindicação que **nós** fazemos por que aquilo que **nós** fazemos e de ir buscar mesmo aquelas **nossas línguas maternas** para o contexto da **nossa conversa**. Quando estamos aqui entre **nós realmente mostramos** esse espírito de revolta e reivindicação, sim.

O trecho #9# revela de forma mais explícita a ligação entre a contestação e a co-construção de espaço. Neste caso, a contestação é relacionada com as políticas de ensino monolíngue de Português, das práticas monoglóssicas no sistema educativo: *esquecemos*

aquelas línguas que são as nossas, que não se dão valor a essas línguas que são nossas. Nuno revela o seu espírito crítico e descreve as práticas de ‘mistura’, em que vão *buscar mesmo aquelas nossas línguas maternas para o contexto da nossa conversa.*

As práticas de ‘mistura’ são atos de contestação dos códigos sociais no espaço monolíngue do setor acadêmico: *eu acho que é uma espécie de reivindicação realmente mostramos esse espírito de revolta e reivindicação, sim.*

A percepção de pertença é também destacada pelo uso de *nós, nós, nós, nós, são as nossas, são nossas, nós, nós, nós, nossas línguas maternas, nossa conversa, nós realmente mostramos.*

Do mesmo modo que o grupo de Nampula, esse grupo de jovens da província de Maputo sente que precisa de se libertar dos códigos sociais e exercer controlo sobre o uso dos seus repertórios linguísticos, quer em casa quer no sistema educativo.

6. Discussão e considerações finais

A discussão é organizada em volta das perguntas de pesquisa.

6.1 As práticas de ‘*linguaging*’ entre jovens contemporâneos são consideradas novas e distintas (das práticas das outras faixas etárias)?

Nos discursos metalinguísticos as práticas de *linguaging* entre jovens contemporâneos são consideradas novas em relação às práticas das gerações anteriores. Os dois grupos de jovens descrevem essas práticas como *calão em várias línguas*, adiante designado ‘calão’, no grupo de Nampula e ‘mistura’ no grupo de Maputo. Opta-se, neste texto, por manter as designações que os jovens usam. Em primeiro lugar, e com base nos resultados apresentados, verifica-se a emergência de novas práticas de *linguaging* entre jovens moçambicanos. O presente estudo abrange discursos metalinguísticos de nove estudantes do Instituto de Formação de Professores em Matola, entre os 19 e os 26 anos de idade. É de salientar que uma análise quantitativa dos inquéritos (228) e dos diários linguísticos (60), incluídos no material recolhido, confirma o uso frequente de práticas de *linguaging* que envolvem o Português, Inglês e línguas de origem Bantu no âmbito da mesma conversa.

O facto de os futuros professores provirem de duas províncias diferentes, Nampula e Maputo, e consequentemente terem repertórios linguísticos diferentes, não se mostrou um fator diferenciador entre os dois grupos em relação às práticas de *linguaging* na comunicação entre

pares. É de destacar que as práticas de uso de ‘calão’ ou de ‘mistura’ se limitam à interação intragrupal, entre os macuenses de Nampula no caso de ‘calão’ e entre os maputenses de Maputo no caso de ‘mistura’. ‘Calão’ ou ‘mistura’ representam as práticas de *linguaging* que os jovens preferem usar e que usam com maior frequência na comunicação entre pares.

Nos dois grupos usam principalmente uma combinação da língua regionalmente dominante e o Português com alguns elementos de outras línguas como Inglês ou línguas minoritárias Bantu. A combinação das línguas depende dos interlocutores que participam na conversa e do repertório linguístico compartilhado. A língua regionalmente dominante no Norte é Emakhuva e a língua regionalmente dominante no Sul é Xichangana.

Ambos os grupos confirmam que outras faixas etárias também usam misturas de várias línguas e/ou empréstimos da língua portuguesa nas línguas Bantu, embora em maior grau na zona Sul do que na zona Norte de Moçambique, onde a difusão da língua portuguesa é significativamente menor e onde o uso de Emakhuva domina. Porém, consideram que as práticas discursivas entre jovens são distintas e que não se usam na comunicação intergeracional.

É interessante notar que essas novas práticas de *linguaging* surgem entre jovens provenientes tanto de zonas rurais como de zonas urbanas.

Identificaram-se como fatores condicionantes dessas novas práticas, entre outros; i) a propagação da língua portuguesa através do sistema educativo, que tem como resultado uma maior abrangência do repertório linguístico usado; ii) que os jovens compartilham (parcialmente) os seus repertórios linguísticos; e iii) que esses códigos ou línguas compartilhados se usam de forma regular (ou diariamente).

6.2 Quais são as temáticas e os aspetos chave que surgem nos discursos metalinguísticos ?

O senso de humor é uma das temáticas que foi frequentemente levantada pelos jovens moçambicanos, que destacam que o uso de *calão* ou de *mistura* aumenta o leque de recursos acessíveis para realçar o aspeto lúdico da conversa. O senso de humor é uma característica que se verifica nas práticas dos jovens camaroneses apresentados no estudo de Stein-Kanjora (2016) e também no estudo de jovens chineses em Grã-Bretanha de Wei (2011). Isso sugere que as práticas de *linguaging* dos jovens moçambicanos compartilham esse aspeto lúdico com as práticas de *linguaging* de jovens encontrados noutros contextos, quer africanos quer europeus, e que nesse sentido é um aspeto translocal.

Os jovens consideram que o uso de ‘calão’ ou de ‘mistura’ posiciona o jovem no século XXI e que assinala que pertencem à idade contemporânea e à era de globalização. Além disso, salientam que essas práticas indexam juventude, um resultado em sintonia com os resultados de vários outros estudos sobre *linguaging* de jovens (MÖLLER et al. 2014; JÖRGENSEN et al. 2011; WEI, 2011).

A criatividade e o espírito crítico salientados por Wei (2011) como elementos chave das práticas de *translanguaging space* verificam-se nos discursos. O espírito crítico é mais acentuado no grupo de Maputo, embora existam diferenças ao nível individual. A apropriação do Português (muitas vezes um indicador de acesso às redes sociais da elite e do grau de ascensão social) sobressai como um fator diferenciador em relação ao espírito crítico, o que significa que maior grau de apropriação do Português leva a maior espírito crítico. Outro fator determinante do espírito crítico é a experiência de marginalização nos espaços monoglóssicos, em particular, no sistema educativo.

O controlo social é outra temática destacada pelos jovens que relatam as experiências em relação ao controlo social que precisam exercer nos espaços monolíngues, ou de ideologias monoglóssicas, sobretudo no sistema educativo. Por um lado, existem fatores funcionais (pais ou parentes que não falam Português) e, por outro lado, existem fatores ideológicos e/ou ordens sociais que impõem espaços monolíngues onde esses nove jovens se sentem constrangidos e onde precisam exercer esse controlo. Entre os nove jovens, três foram obrigados a falar o Português com os seus pais em casa, quatro têm pais que não falam a língua portuguesa e representam a primeira geração a falar a língua portuguesa nas suas famílias. Todos os jovens sentem que o sistema educativo é um espaço monolíngue constrangedor. Em consequência, os jovens descrevem a euforia, a felicidade e a liberdade que sentem ao usar ‘calão’ ou ‘mistura’. Comparado com os resultados de estudos anteriores (STEIN-KANJORA, 2016; MÖLLER et al. 2014; JÖRGENSEN et al. 2011; WEI, 2011) o controlo social é um aspeto que surge de forma mais acentuada no contexto moçambicano. Com base no presente estudo não se pode afirmar se isso é, ou não, o caso, e o controlo social precisa de ser alvo de estudos mais focados e aprofundados. O aspeto é tratado por García e Wei (GARCÍA; WEI, 2014).

Diferentemente do que se esperava, todas essas temáticas e aspetos chave surgiram nos dois grupos. Esperava-se que a disparidade entre os graus de propagação e uso da língua portuguesa, e os outros fatores sociais diferentes nessas duas províncias, viessem a revelar-se fatores diferenciadores entre os dois grupos. Nessa base constata-se que os fatores comuns entre

os participantes são mais importantes que os fatores que os distinguem, a saber: as experiências de marginalização nos espaços monoglóssicos, a apropriação da língua portuguesa, a ascensão social, a mobilidade (migração rural-urbano), entre outros. Esses fatores são relacionados aos fatores impulsionadores que serão discutidos a seguir.

6.3 Quais são as motivações e os fatores impulsionadores dessas novas práticas de languaging ?

Os jovens compartilham emoções de felicidade, alegria, euforia, liberdade ao transgredir as ordens sociais de monoglossia, ou seja, ao *translanguaging*. Acredita-se que ao conjuntamente construírem espaço(s), ou ao *translanguaging space*, fortalecem o sentido de pertença e de compartilha, um aspecto discutido por Wei (2011). Nesse espaço podem expressar as suas múltiplas identidades, que são entrelaçadas com os seus recursos socioculturais. Essa expressão livre e o sentimento de pertença são verificados como motivações dessas práticas dos jovens.

A reivindicação do espaço ou a contestação das ordens sociais de monoglossia surgem como outras motivações. Os jovens contestam o posicionamento histórico e cultural hegemónico do Português nos espaços institucionais, mas também sublinham os fatores funcionais e ideológicos nos espaços não-institucionais, por exemplo no espaço doméstico (observado nos exemplos dos pais que não falam Português ou que proibiram os filhos a falarem as línguas Bantu em casa). Esse último aspeto tem sido pouco discutido nos estudos já realizados sobre as ideologias e as políticas linguísticas em Moçambique (CHIMBUTANE, 2015, 2013, 2011, 2005) e (CHIMBUTANE; STROUD, 2012).

A análise dos fatores impulsionadores aponta às experiências compartilhadas de marginalização no sistema educativo e noutros espaços sociais (sobretudo espaços institucionais), à apropriação (gradual) da língua portuguesa, à ascensão social e à mobilidade (migração rural-urbano) como fatores importantes. Em conjunto, essas experiências levaram os jovens (e ainda os levam) a um grande leque de espaços com os seus respetivos ordens sociais.

Como um exemplo ilustrativo sobre a ascensão social e a mobilidade desses jovens e o grande leque de espaços sociais em que vivem relata-se a experiência de Mussa: *saí da casa de matope* (terra barrenta) *onde crescia para depois me encontrar perante os quadros dum País*. (Matope é uma palavra de origem Bantu que significa terra barrenta) A família vem dum meio modesto em termos socioeconômicos, exemplificado pelo tipo de casa que é o tipo de casa

tradicional moçambicana nessa zona rural e que é acessível para todo o povo, dito de forma vulgar, casa do pobre. Quando se refere aos quadros de um país está a se referir ao Diretor da escola e aos professores no Instituto de Formação dos Professores em Matola. Esse grande leque de espaços sociais em que os jovens vivem é um exemplo ilustrativo da diversidade e da complexidade observadas neste estudo e que também são descritas noutros estudos realizados em contextos africanos (ver por exemplo LÜPKE; STORCH, 2013; DEUMERT, 2013).

6.4 Os jovens estão *translanguaging space*?

Os jovens descrevem: i) a fluidez no uso dos códigos, ii) a percepção de uma ausência de prescrição; iii) o senso de humor, a criatividade e a inovação, iv) a transgressão e a euforia ligada à transgressão, v) a reivindicação do espaço e/ou a contestação das ordens sociais de monoglossia e vi) a existência de um espírito crítico. O uso da língua do ex-colonizador em combinação com o Inglês e várias línguas indígenas no contexto moçambicano é um outro aspeto importante. Descrevem o senso de humor, a criatividade e a inovação como aspetos chave da estratégia discursiva distinta que usam entre pares e descrevem o uso de todo o repertório linguístico (compartilhado com os interlocutores). As características i)-vi) verificadas nos discursos metalinguísticos estão em sintonia com o conceito de *translanguaging* e *translanguaging space* e acredita-se que os jovens futuros professores estão *translanguaging space*.

A fluidez das práticas de *linguaging* no contexto multilíngue africano é também realçada por Lüpke e Storch (2013). Stein-Kanjora apresenta discursos de metalinguagem de jovens camaroneses que salientam a inovação e a criatividade: (STEIN-KANJORA, 2016, p.269):

Amanhã à tarde nos jovens vamos criar novas palavras..(..) Todos os dias nascem novas palavras, boas, nos acrescentamos coisinhas aí... (traduzido pela autora)³

Contudo, é interessante notar que a as práticas de *linguaging* entre jovens contemporâneos em Moçambique são semelhantes às que se verificam quer em outros

³ Demain, après-midi, nous jeunes on va créer d'autres mots. (..) Chaque jours des mots naissent, bon, on ajoute des trucs là...

contextos de descolonização no continente africano, quer no contexto europeu urbano: por exemplo, entre jovens turcos em Dinamarca que são descritas como *polylinguaging* (JÖRGENSEN et al. 2011), e sobre jovens chineses *translinguaging* em Londres (WEI, 2011).

Apesar das grandes diferenças sociolinguísticas e socioeconômicas entre as duas províncias, verificaram-se práticas de *translinguaging* e *translinguaging space* entre os jovens provenientes das províncias de Nampula e de Maputo. Os resultados demonstram que essa perspectiva teórica e os conceitos de *translinguaging* e *translinguaging space* têm relevância no atual cenário de Moçambique. Neste cenário a diversidade e a complexidade são acentuadas pela ascensão social e pela mobilidade entre o grande leque de espaços sociais entre os quais estes jovens navegam. Nessa base, sugere-se que os conceitos sejam explorados noutros contextos de descolonização do continente africano.

Confirma-se a hipótese do estudo, de que essa expansão rápida da língua portuguesa, e outros processos sociais transformativos em Moçambique no período pós-independência, criam ‘zonas de contacto’ (CANAGARAJAH, 2013; PRATT, 1991) onde as práticas de *linguaging* entre jovens plurilíngues se têm transformado.

As perspectivas dos jovens revelam o impacto das práticas e ideologias monoglóssicas nas suas trajetórias de vida e nos seus relatos sobre a marginalização social ou os seus posicionamentos desfavoráveis, em vários espaços sociais. Consequentemente, acredita-se que a análise das trajetórias de vida e das experiências vividas (e que ainda vivem) sejam importantes para entender essas dinâmicas no contexto moçambicano. Pode-se recorrer à noção de *repertório linguístico como experiência vivida* (‘repertoire as lived experience’) recentemente revisitado por Busch (2015).

Esses nove jovens, os futuros professores, compartilham todos algumas experiências de inibição, constrangimento ou marginalização que atualmente conseguiram, pelo menos em parte ultrapassar. Hoje em dia esses jovens posicionaram-se como indivíduos plurilíngues com maior livre arbítrio, capazes de *translinguaging space*. Potencialmente isso pode levar ao seu maior bem estar e, sendo os futuros professores, pode contribuir para introduzir novas práticas e transformar as ordens sociais no sistema educativo e/ou noutros espaços sociais, aumentando assim o aproveitamento do capital humano da geração de jovens e das futuras gerações de moçambicanos, com potenciais benefícios sociais, culturais e econômicos.

Referências bibliográficas

BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. (ed.). **Heteroglossia as Practice and Pedagogy**. London: Springer, 2014.

BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. **crossref** <https://doi.org/10.1017/CBO9780511845307>

BUSCH, B. Expanding the Notion of the Linguistic Repertoire: On the Concept of *Spracherleben*—The Lived Experience of Language. **Applied Linguistics**. Publicado on-line: jul. 2015.

CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice**. Global Englishes and Cosmopolitan Relations. Oxon: Routledge, 2013.

CASTEL-BRANCO, C. N. Growth, capital accumulation and economic porosity in Mozambique: social losses, private gains. **Review of African Political Economy**, n. 41, supl: 2014. p. 26-48.

CHIMBUTANE, F. Práticas de ensino e aprendizagem do português na escola moçambicana: O caso de turmas bilingues. In: MATEUS, M. H. M.; Pereira, L. (orgs.) **Língua portuguesa e cooperação para o desenvolvimento**. Lisboa: Colibri e CIDAC, 2005, p. 159-181.

CHIMBUTANE, F. **Rethinking bilingual education in postcolonial contexts**. Clevedon, Avon: Multilingual Matters, 2011.

CHIMBUTANE, F. Codeswitching in L1 and L2 Learning Contexts: Insights from a Study of Teacher Beliefs and Practices in Mozambican Bilingual Education Programs. **Language and Education**, n. 27 (4): p. 314-328, 2013.

CHIMBUTANE, F. Línguas e educação em Moçambique: uma perspetiva sócio-histórica. In Perpétua Gonçalves e Feliciano Chimbutane (orgs) **Multilinguismo e multiculturalismo em Moçambique**: em direção a uma coerência entre discurso e prática. Maputo: Alcance Editores: 2015, p. 35-75.

CHIMBUTANE, F.; STROUD, C. (orgs.) **Educação bilingue em Moçambique**: Refletindo criticamente sobre políticas e práticas. Maputo: Texto Editores, 2012.

DEUMERT, A. Xhosa in town (revisited) – space, place and language. **International Journal of the Sociology of Language**. Vol. 2013, Issue 222, 2013, p.51-75. **crossref** <https://doi.org/10.1515/ijsl-2013-0032>

GARCÍA, O.; WEI, L. **Translanguaging**. Language, Bilingualism and Education. Hampshire: Palgrave MacMillan, 2014.

HARVEY, D. **The Condition of Postmodernity**: An Enquiry into the Origins of Cultural Change. Wiley-Blackwell, 1989.

HYMES, D.; GUMPERZ, J. J. **Directions in Sociolinguistics**. Holt, Rinehart and Winston, Inc.: USA, 1972.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA Situação Linguística de Moçambique, **Censo Geral de 1997**. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2000.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA) Sinopse dos Resultados Definitivos do 3º Recenseamento Geral da População e Habitação, Província de Nampula, **Censo Geral de 2007**. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA Sinopse dos Resultados Definitivos do 3º Recenseamento Geral da População e Habitação, Província de Maputo, **Censo Geral de 2007**. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2009.

JØRGENSEN, J. N.; KARREBÆK, M. S.; MADSEN, L. M; MØLLER, J. S. Polylinguaging in Superdiversity. **Diversities**. Volume 13 (2), 2011, p. 22-37.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Le production de l'espace. Translated to English by Nicholson-Smith. D. Blackwell Publishing: 1991.

LÛPKE, F.; STORCH, A. **Repertoires and choices in African languages**. Boston; Berlin: de Gruyter, 2013.

MAKONI, S., PENNYCOOK, A. **Bilingual Education & BilingualismS**: Disinventing and Reconstituting Languages. Clevedon, GB. Multilingual Matters: 2006.

MENSAH, E. The dynamics of youth language in Africa: An introduction. (ed.) The dynamics of youth language in Africa. **Sociolinguistic Studies**, Vol. 10 (1-2), 2016, p.1-14.

MØLLER, J. S.; JØRGENSEN, J. N. From language to languaging: changing relations between humans and humans and linguistic features. **Acta Linguistica Hafniensia: International Journal of Linguistics**. The LANCHART Centre, University of Copenhagen: Volume 41: 2009, p.143-166.

MØLLER, J. P.; JØRGENSEN, J. N.; HOLMEN, A. Polylingual development among Turkish speakers in a Danish primary school-a critical view on the 4th grade slump. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, n. 17 (1), 2014, p. 32-54.

NGUNGA, A.; NHONGO, N.; MOISÉS, L.; LANGA, J.; CHIRINDZA, H.; MUCAVELE, J. **Educação Bilingue na Província de Gaza: Avaliação de um Modelo de Ensino**. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM:2010.

PENNYCOOK, A. **Language as a local practice**. London: Routledge: 2010.

PRATT, M. L. Arts of the contact zone. **Profession**, 91: 1991, p. 33-40.

REITE, T. **Corpus de dados metalinguísticos de Moçambique**, outubro 2015.

REITE, T.; ÁLVAREZ, L. (2015) **Corpus de dados linguísticos de Moçambique**, março 2015.

STEIN-KANJORA, G. Camfrang forever! Metacommunication in and about Camfranglais. (ed.) The dynamics of youth language in Africa. **Sociolinguistic Studies**, Vol. 10 (1-2), 2016, p.261-289.

WEI, L. Moment analysis and translanguaging space: Discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. **Journal of Pragmatics**, 43 (14), 2011, p. 1222–1235.
crossref <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2010.07.035>

Artigo recebido em: 30.06.2016

Artigo aprovado em: 30.09.2016